
REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 29 No. 1 2016

ARTIGO

LUGARES PERSISTENTES E IDENTIDADES DISTRIBUÍDAS NO BAIXO AMAZONAS: COMPLEXOS CERÂMICOS PRÉ-COLONIAIS DE MONTE ALEGRE, PARÁ

Cristiana Barreto*, Hannah Fernandes Nascimento**, Edithe Pereira***

RESUMO

Apresentamos os primeiros resultados de pesquisas em sítios cerâmicos a céu aberto na região de Monte Alegre (PA), área previamente conhecida pela arte rupestre e pelos registros antigos de ocupação humana. Com uma abordagem regional, investigam-se agora os sítios cerâmicos a céu aberto de um período mais recente, a partir do século XIII. A análise cerâmica mostra que, apesar da proximidade de Santarém, os materiais de Monte Alegre apresentam características próprias, definidas pela escolha e combinação de alguns elementos estilísticos presentes nos repertórios de cerâmicas de áreas vizinhas e de outras com ampla dispersão regional. Ao final, discute-se a natureza fragmentária dos estilos cerâmicos e como estes podem resultar de processos de fluxo estilístico propiciados por extensas “redes de relações”.

Palavras-chave: cerâmica, fluxo estilístico, baixo Amazonas

ABSTRACT

We present the initial results of archaeological research in open air sites from the Monte Alegre region, previously known for the rock art sites and records of early human occupation. Within a regional approach, we now aim at investigating the diversity of archaeological records in the area, including late precolonial open air sites starting at XIIIth century. The ceramic data indicates that, despite the proximity of Santarém, Monte Alegre materials display local characteristics, herein defined by the selection and combination of some elements from ceramic repertoires of nearby areas and from others with extensive regional distribution. Finally we discuss the fragmentary nature of style and how they can emerge out of processes of stylistic flow favored by extended social networks.

Key words: ceramics, stylistic flow, lower Amazon.

*Arqueóloga bolsista do Programa de Capacitação Institucional (CNPq), Coordenação de Ciências Humanas/Arqueologia, Museu Paraense Emílio Goeldi. Av. Perimetral, 1901, Terra Firme, Belém, 66077-830. cristianabarreto@gmail.com

**Especialista em Arqueologia junto ao Museu Paraense Emílio Goeldi.

***Arqueóloga pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Estamos, portanto, falando não de relações isoladas no tempo e circunscritas a um mesmo espaço; mas de um histórico de relações que manifestam formas distintas na história regional com conteúdos variáveis (os protagonistas das permutas, os elementos de troca etc.). Neste caso, a continuidade possível será morfológica e diz respeito a conjuntos de relações entre conjuntos sociais; ou às redes de relações sociais. (ANDRADE, 2007:84)

INTRODUÇÃO¹

A citação que abre este artigo refere-se às extensas redes de relações ameríndias estudadas pela etnologia na região do Amapá e Guianas, onde fluxo, troca e redes definem as relações sociais (GALLOIS *et al.*, 2005). Este artigo tenta trazer para a arqueologia a ideia de que as cerâmicas podem ser um grande índice destas redes de relações, sugerindo que, no passado pré-colonial, no baixo Amazonas, os lugares e as identidades eram definidos pelos arranjos variáveis destas redes. A partir desta ponte com a etnologia, buscam-se alternativas aos modelos difusionistas que, para explicar semelhanças e diferenças entre estilos cerâmicos, focam nos lugares de origem e rotas de dispersão, em uma lógica que concebe os lugares como centro ou periferia. Pretende-se aqui redirecionar o foco para as dinâmicas e escalas de esferas de interação regional².

Para isso, apresentamos algumas reflexões sobre conjuntos cerâmicos provenientes de sítios a céu aberto da região de Monte Alegre no Pará, região que pode ser considerada geograficamente periférica ao núcleo ocupacional de Santarém mas que também apresenta características paisagísticas e culturais próprias. A pesquisa se dá no âmbito do projeto “A Ocupação Pré-colonial de Monte Alegre (Pará)”³ na área do Parque Estadual de Monte Alegre (PEMA) e seu entorno. O projeto visa entender a ocupação humana na região de Monte Alegre na sua longa duração, em uma região da Amazônia que se destaca tanto pela antiguidade e longevidade registradas para a ocupação humana, como pela diversidade de paisagens, contextos e vestígios arqueológicos, contando com sítios em abrigos e a céu aberto, indústrias líticas e cerâmicas variadas, além da arte rupestre.

¹ Este artigo é uma versão mais elaborada da apresentação oral realizada na oficina internacional “Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese” em Belém, novembro de 2013.

² Na arqueologia, o conceito de esferas de interação, ou *interaction spheres*, conforme inicialmente desenvolvido por Caldwell em 1964, explora como sociedades independentes podem interagir dentro de determinadas regiões em diferentes escalas e aspectos sociais, argumentando que a interação entre diferentes grupos pode levar à inovação em tradições culturais e definição de novas identidades. O conceito tem sido aplicado sobretudo na arqueologia da região das culturas Hopewell e Mississipi do meio-oeste e sudeste dos Estados Unidos, onde determinadas tecnologias, práticas rituais, ou certos tipos de cerimonialismo são compartilhados entre culturas vizinhas ou mesmo distantes entre si e independentes, estabelecendo assim parâmetros alternativos à dicotomia centro/periferia (CALDWELL, 1964; BAUGH & ERICSON, 1994). Na Amazônia, tanto Gomes (2002) quanto Schaan (2012) utilizam-se do conceito derivado de *peer polity interaction* proposto por Renfrew (1986) para explorar a formação de hierarquias entre comunidades independentes e formas emergentes de complexidade social.

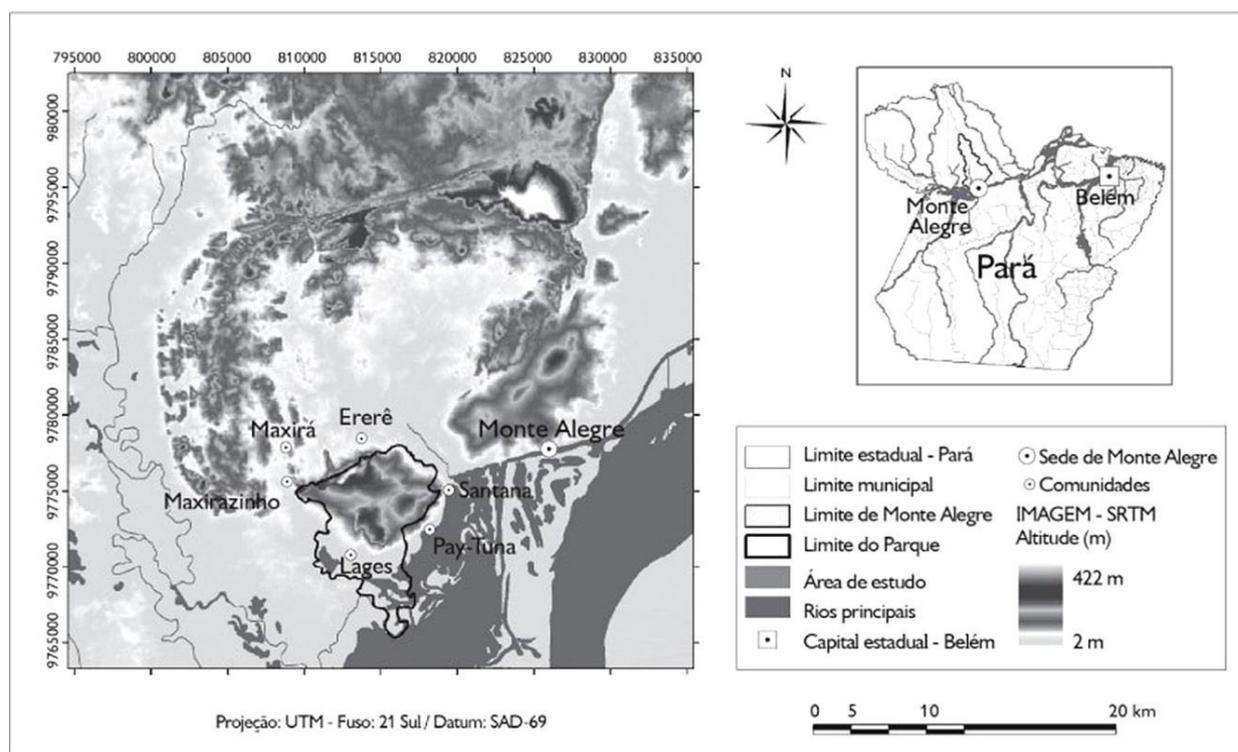
³ Este projeto é coordenado por Edithe Pereira junto ao Museu Paraense Emílio Goeldi e conta com a participação das autoras e dos pesquisadores Marcos Magalhães e Carlos Palheta Barbosa (MPEG), Maria Jacqueline Rodet da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Claide Moraes, Anne Rapp Py-Daniel e Myrtle Shock da Universidade do Oeste do Pará (UFOPA). O projeto é financiado pelo CNPq.

Monte Alegre, município paraense localizado na calha norte do baixo Amazonas, a leste de Santarém, desde cedo despertou a atenção de viajantes, naturalistas e pesquisadores atraídos, sobretudo, pelo impressionante conjunto de serras areníticas com pinturas rupestres, pinturas estas que vêm sendo documentadas e estudadas por Edithe Pereira desde a década de 1980 (PEREIRA, 1992, 2012). Também na década de 1990, a arqueologia de Monte Alegre ficou conhecida pelos dados gerados em escavações coordenadas por Anna Roosevelt na Caverna da Pedra Pintada, com importantes aportes sobre a antiguidade tanto das ocupações pré-ceramistas como das ceramistas, com uma sequência ocupacional do local de 11 mil anos (ROOSEVELT *et al.*, 1996). Este sítio continua sendo um dos poucos do Pleistoceno e transição Pleistoceno-Holoceno conhecidos para a Amazônia (BUENO *et al.*, 2013).

Contudo, por causa das datas antigas obtidas nas escavações de Roosevelt, pouca atenção foi dada às ocupações ceramistas mais recentes, mesmo tendo sido identificados muitos sítios cerâmicos nesta região, tanto junto às serras com abrigos e cavernas — a exemplo dos extratos superiores da própria Caverna da Pedra Pintada — como em áreas de floresta, cerrado e campos, em solos de terra preta, mais próximo à várzea. Esta falta de dados regionais dificulta inclusive a contextualização da sequência cerâmica descrita por Roosevelt para a Caverna da Pedra Pintada e impossibilita a relação com os dados que vêm sendo obtidos no Baixo Amazonas por pesquisas mais recentes (GUAPINDAIA & LOPES, 2011; GOMES, 2007; SCHAAN, 2016; LIMA & FERNANDES, 2016; MULLER *et al.*, 2016; PANACHUCK, 2016; SALDANHA *et al.*, 2016).

Portanto, este novo projeto procura justamente entender a ocupação da região na longa duração como um todo e as dinâmicas dos diferentes sistemas de assentamentos que ali se deram ao longo do tempo. A área pesquisada corresponde à do Parque Estadual de Monte Alegre (PEMA) e seu entorno imediato (Figura 1), abarcando um verdadeiro mosaico de ambientes diversificados, desde as serras areníticas com suas variadas formações, dentre as quais abrigos e cavernas com pinturas rupestres, e áreas planas com vegetações variadas, com ilhas de florestas em ambientes de savana, até os chamados “campos de desterro” e várzeas anualmente inundadas ao longo de pequenos e grandes lagos e do próprio rio Amazonas.

Figura 1 - Localização do Parque Estadual de Monte Alegre. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Pará (2008).



UM LUGAR PERSISTENTE

O projeto procurou abordar esta área considerando a ocupação humana enquanto construção dinâmica de paisagens sociais ao longo do tempo, considerando toda a região como aquilo que Schlanger (1992) denominou de “lugares persistentes”, ou seja, lugares que foram ocupados e reocupados na longa duração, vista não só a capacidade humana de interferir favoravelmente sobre a distribuição e o regime dos recursos locais ao longo do tempo, mas também de atribuir significados simbólicos a lugares marcados por ocupações humanas anteriores.

O conceito de lugares persistentes, conforme originalmente proposto por Schlanger (1992) e sintetizado por Thompson (2010:218), os definem como: lugares físicos caracterizados por concentrações de recursos que os tornam particularmente propícios à sua utilização; lugares que apresentam elementos naturais ou culturais que estruturam sua reutilização; lugares que são criados através da prática por um período extenso de tempo.

Duas características marcantes da região de Monte Alegre certamente contribuíram para torná-la um lugar persistente. Primeiramente temos as serras de arenito⁴ que se destacam na paisagem de forma única e peculiar, quebrando a

⁴ O Parque Estadual de Monte Alegre está localizado na borda sul da estrutura dômica de Monte Alegre, em um bloco topográfico particularmente elevado, com cotas acima de 40m, balizado por escarpas suaves com direções NE-SW a sul e norte e NW-SE a leste e oeste. Este bloco representa domínio de rochas areníticas terciárias da Formação Alter do Chão. No bloco topográfico do parque, destacam-se três conjuntos principais de elevações: as serras do Ererê e do Juruba, com elevações pouco acima de 250m com escarpas íngremes tanto a norte quanto a sul; a chamada Serra do Paituna, destacada a sul da serra do Ererê, destacando-se dois cumes, a norte e a sul com cotas em torno de 150m e 170m, com escarpas

monotonia da várzea, com formações ruiformes visualmente muito impactantes, além de oferecer muitas áreas abrigáveis cujas paredes serviram de suporte para uma grande variedade de registros rupestres. Roosevelt atribuiu as pinturas rupestres às ocupações mais antigas da área, datadas na Caverna da Pedra Pintada ao que ela identifica como um horizonte paleoíndio, entre 10.200 e 9.800 A.P. (ROOSEVELT *et al.*, 1991, 1996). Contudo, é muito provável que estas formações tenham continuado a atrair a atenção de populações mais recentes. A serra é visível a larga distância — desde as proximidades de Monte Alegre a partir do Rio Amazonas — e as formações rochosas apresentam formas e feições curiosas que até hoje estimulam o imaginário dos visitantes. Além disso, as pinturas rupestres, provavelmente continuadas após o horizonte paleoíndio, atraem não só o olhar de novos visitantes, mas também a confecção de novos registros gráficos, a exemplo das intervenções históricas e contemporâneas ali presentes. A diversidade dos grafismos e alguns casos de cotejamento e sobreposição parecem indicar a persistência do lugar através destes “diálogos” gráficos. Existem ainda correspondências entre as linguagens de representação antropomorfa usadas na arte rupestre e nas cerâmicas tapajônicas, sugerindo mesmo que os grafismos rupestres continuaram a ser feitos pelos povos ceramistas mais tardios (PEREIRA, 2010, 2012).

O segundo elemento que certamente contribuiu para a persistência da ocupação humana em Monte Alegre é a concentração de recursos em grande abundância e diversidade, devido à proximidade e variedade de diferentes gradientes ambientais, contando inclusive com formações únicas a esta região, como os chamados Campos do Desterro (campo tipo parque). A proximidade dos diferentes gradientes de floresta, cerrado, campos e várzea faz com que a utilização de recursos de cada um deles possa ser feita de forma integrada. Chama a atenção, em especial, a abundância dos recursos aquáticos encontrados nos lagos e rios. A procura por peixes influencia os movimentos locais da população até hoje (SILVA, 2009:188). De acordo com a Secretaria de Estado do Meio Ambiente, em 2014, apenas durante dois dias da piracema, período em que a pesca é ilegal nesta região, foram apreendidas duas toneladas de pescado. Assim, a região é atraente à ocupação humana por diferentes motivos, tendo sido construída uma densa paisagem cultural a ser melhor investigada pela arqueologia, inclusive em relação às mudanças ambientais ocorridas ao longo destes 11 mil anos.

Neste artigo, focamos no período de ocupação pré-colonial mais recente da região, correspondendo aos grupos indígenas que deixaram registros cerâmicos em quase todos os sítios arqueológicos identificados na área, por vezes reocupando locais anteriormente habitados e permanecendo na área por séculos até a colonização europeia. Para entendermos a dinâmica temporal e cultural destas ocupações ceramistas, é preciso não só entender as condições locais sobre as quais elas se dão, mas também os contextos crono-culturais

abruptas; e as serras com cotas topográficas em torno de 140-160m, sem denominação própria, com escarpas côncavas suaves, mas com formato geral circular em planta.

regionais em que elas se inserem. Na Amazônia, é comum que grupos mais recentes tenham escolhido lugares persistentes para a sua fixação, quer pelos aspectos simbólicos ou econômicos da paisagem (em geral uma combinação de ambos). O que não sabemos, porém, é como se dá a relação entre estas reocupações e a antiguidade destes lugares. Para responder a esta questão, consideramos necessário, além de apresentarmos os dados da análise cerâmica, apresentarmos também uma discussão sobre como inserir Monte Alegre no contexto temporal e regional dos complexos cerâmicos do Baixo Amazonas.

ANTIGUIDADE E COMPLEXIDADE DA SEQUÊNCIA CERÂMICA EM MONTE ALEGRE

Apesar de serem conhecidos muitos sítios arqueológicos e coleções cerâmicas provenientes do município de Monte Alegre, os dados cronológicos disponíveis são escassos e, sem dúvida, os mais importantes provêm da escavação da Caverna da Pedra Pintada, escavada por Roosevelt e colaboradores (ROOSEVELT *et al.*, 1996). A partir de um total de mais de 60 datações, Roosevelt propôs uma sequência de ocupação pré-colonial para Monte Alegre de acordo com o esquema cronológico que Roosevelt propôs para toda a região Amazônica, com os horizontes denominados Paleoíndio, Arcaico, Formativo e Cacicados, em uma sequência temporal. Para Monte Alegre, após o período denominado Monte Alegre, que corresponde ao horizonte paleoíndio (entre 10.200 e 9.800 A.P.), Roosevelt elenca os seguintes períodos de ocupações ceramistas.

O período Paituna (7.580 e 6.625 AP), que corresponderia ao "Arcaico" na Amazônia, quando se dá a transição para a agricultura e para uma tecnologia cerâmica. Estas datas colocam a presença de cerâmica na Amazônia em momento bastante recuado, de um lado, ultrapassando em muito as datas de pouco mais de 5000 anos que temos para as cerâmicas Mina no litoral do Salgado (OLIVEIRA & SILVEIRA, 2016), mas por outro, casando bem com as datas também obtidas por Roosevelt para cerâmicas do sambaqui da Taperinha, também na região de Santarém, onde ao menos 18 fragmentos foram datados entre 7.600 e 7.335 A.P. e considerada pelos autores como a cerâmica mais antiga das Américas. (ROOSEVELT *et al.*, 1991).

Na Caverna da Pedra Pintada, lembramos que a antiguidade da cerâmica é documentada de forma ainda bastante ambígua. Roosevelt menciona seis datas entre 7.580 e 6.625 anos A.P. para o que ela denominou de cultura Paituna, correspondente ao Arcaico local. As datas são provenientes de ossos de quelônio, conchas e de um fragmento de concha usado como tempero na pasta de uma cerâmica. A única cerâmica deste estrato datada diretamente por termoluminescência resultou em uma data bem mais recente de 4.710 anos AP. Assim, consideramos que ainda são necessárias não só mais datações, mas também uma melhor caracterização desta cerâmica antiga do ponto de vista tecnológico e estilístico. Neste contexto, é interessante notar que, caso se confirme a antiguidade da cerâmica na Caverna da Pedra Pintada, este seria o único sítio cerâmico deste período mais antigo a não se caracterizar como um sambaqui.

O segundo período cerâmico proposto por Roosevelt seria *Aroxi* (com datas entre 3.603 e 3.230 A.P.), inserida no horizonte “Formativo”, quando a agricultura teria se instalado definitivamente na região.

Após um hiato 2.500 anos, o próximo período cerâmico identificado por Roosevelt na Caverna da Pedra Pintada é o denominado *Pariçó* (entre 675 e 430 A.P., ou seja a partir de 1300 A.D. adentrando pelo período pós-conquista), que Roosevelt associa ao horizonte “Cacicados”, relacionado às mudanças que ocorreram substancialmente na cultura material, na economia, na demografia e na organização social e política das populações indígenas do Baixo Amazonas. Esta teria sido a última ocupação indígena na área antes da conquista europeia, contemporânea à ocupação predominantemente tapajônica na região de Santarém e arredores. É este último período que está em discussão neste artigo, mas tendo em conta a longa história de ocupação anterior da área.

Apesar da plausibilidade desta sequência, sobretudo devido à grande quantidade de datações obtidas, ela se embasa em uma interpretação histórico-cultural pensada para toda a bacia amazônica, com um único sentido evolutivo, que se inicia com o paleoíndio e termina com os cacicados pré-conquista. Contudo, algumas décadas depois das pesquisas de Roosevelt, muitos projetos regionais na bacia amazônica vêm evidenciando sequências ocupacionais que nem sempre se encaixam neste modelo e mostram que a história da ocupação humana pré-colonial não foi sempre uniforme e unilinear, mas sim caracterizada pela alternância entre períodos de aparente estabilidade entremeados por mudanças bruscas nos padrões de organização social, econômica e política de certas regiões (NEVES, 2008). Além disso, existem hiatos cronológicos e processos regionalizados, como o fato de que, a partir de cerca de 7.500 AP, os visíveis sinais de ocupação ficam restritos a algumas regiões específicas, como a área estuarina e o baixo Amazonas, onde justamente se insere Monte Alegre (BARRETO, 2006; NEVES, 2008).

As datações da Caverna da Pedra Pintada reforçam a ideia de hiatos cronológicos na sequência de ocupações ceramistas, mostrando uma interrupção importante entre os períodos *Aroxi* e *Pariçó*, o que nos leva a indagar se o surgimento da cerâmica *Pariçó* estaria de alguma forma relacionado ao florescimento do cacicado de Santarém, ou se simplesmente houve continuidade, ainda que com mudanças, que de alguma forma não foi identificada no registro deste sítio. A questão da continuidade tem relevância tanto para melhor entendermos a natureza da persistência do lugar, como para melhor caracterizarmos as formações sociais que ali se desenvolveram.

Roosevelt argumentou que, no Baixo Amazonas, o surgimento de cacicados ou de sociedades mais complexas como em Santarém e Marajó seria resultante do fato de que, nestas regiões, tem-se uma sequência ocupacional muito longa, introduzindo a ideia de quanto maior a profundidade temporal das ocupações locais, maior a probabilidade de uma trajetória levando à formação de cacicados complexos:

Está claro que os ‘cacicados’ na Amazônia provieram diretamente de culturas cerâmicas anteriores da Amazônia ocidental, bem distante dos Andes. A mais antiga delas foi encontrada no baixo Amazonas e sua

influência difundiu-se, a partir daí, em direção às várzeas pré-andinas e não o contrário. Muitas das sociedades complexas das terras baixas parecem ter sido culturas de longa duração que, ao invés de terem decaído no ambiente tropical, antes cresceram em escala e sofisticação ao longo do tempo e muitos dos seus sítios caracterizam-se como urbanos em tamanho e complexidade (ROOSEVELT, 1992:54-55, *grifo nosso*).

Portanto, a questão que se coloca é qual a relação desta antiguidade com os desenvolvimentos posteriores à instalação dos primeiros ceramistas na região. Estaria esta relação na base da recorrente sobreposição encontrada em várias regiões da Amazônia com complexos cerâmicos diversificados recentes, sobrepondo-se a ocupações cerâmicas formativas mais antigas (tais quais as da Tradição Pocó-Açutuba), como, por exemplo, se verifica na Amazônia Central, na região de Tefé, e na região do Trombetas (NEVES *et al.*, 2014)?

Considerando a posição geográfica de Monte Alegre em relação a Santarém, em relativa proximidade, mas ao mesmo tempo apresentando uma paisagem cultural bastante distinta, como a antiguidade da ocupação de Monte Alegre pode ter interferido nas formações sociais mais recentes que ali se desenvolveram? Estariam elas ligadas aos cacicados de Santarém, como e em que medida? Ou teríamos desenvolvimentos em ritmos distintos em regiões nucleares e periféricas aos grandes cacicados, em Santarém e em Monte Alegre, por exemplo?

A questão da relação entre centro e periferia vem sendo tratada também em outras áreas próximas à foz do rio Tapajós, tanto para o período Formativo (GOMES, 2007), como para o período do cacicado santareno propriamente dito (SCHAAN, 2016). Gomes identificou comunidades relativamente isoladas e autônomas, com seus estilos cerâmicos próprios na margem direita do Tapajós em uma área a 100 km ao sul de Santarém. A cronologia indica uma ocupação contínua de longa duração iniciando-se por volta de 2.000 A.C., intensificando-se a partir de 700 A.D., com interrupções ao redor de 1.100 a 1.200 A.D. Segundo esta autora, após 1.000 A.D., quando os cacicados começam a fortalecer suas posições, pressões políticas podem ter forçado comunidades independentes e periféricas a se realocarem ao longo do rio tapajós (GOMES, 2007:199). Schaan e colaboradores também exploram esta questão em sítios tapajônicos localizados na região de Santarém e Belterra, em relação aos sítios localizados tanto ao longo do rio como em platô. No sítio Porto, existem sítios que datam de 3.000 A.P. (ALVES, 2012), mas a ocupação tapajônica ao longo do rio situa-se entre 900 e 1600 A.D., enquanto que os sítios em platô parecem corresponder a uma expansão um pouco mais tardia, datando entre 1320 e 1650 A.D. (SCHAAN, 2016:25). Portanto, mais do que alinhamento hierárquico de comunidades periféricas ao domínio de um poder central em Santarém, há indícios de interrupção de áreas previamente ocupadas, talvez com realocamento de comunidades e expansão de comunidades tapajônicas para o interior. Como situar Monte Alegre, com sua longa história de ocupação, neste contexto?

A segunda questão trabalhada no estudo das cerâmicas de Monte Alegre é justamente a de uma caracterização estilística voltada para sua relação com os

contextos regionais vizinhos. Até que ponto semelhanças e diferenças estilísticas, quando inseridas no contexto mais amplo do Baixo Amazonas, podem revelar diferentes configurações na interação regional destes povos ceramistas? Mais especificamente, o que nos dizem os estilos cerâmicos sobre como estas sociedades se desenvolveram, se relacionados à participação e controle de determinadas sociedades em fluxos regionais, redes de troca, alianças de guerra, enfim, em processos de interação regional de diferentes alcances territoriais?

Pesquisadores da região do baixo Amazonas, especialmente das áreas do Tapajós e áreas lagunares a oeste de Santarém, vêm há tempos questionando a ideia de fronteiras estanques (STAMPANONI, 2016) e percebendo diferentes esferas nos padrões de similaridade das cerâmicas, com elementos de ampla dispersão regional — apesar das variações locais de estilo — e aventaram a possibilidade de se estar lidando com materiais que correspondem a uma esfera simbólica a qual estariam vinculados diversos grupos, mesmo que distantes entre si, que compartilhavam a mesma linguagem iconográfica. “Talvez estas coisas produzidas tivessem a função de agregar pessoas a longas distâncias, como memórias coletivas materializadas na cultura material” (MARTINS, 2012:175). Por outro lado, pesquisadores que trabalham nas Guianas vêm cada vez mais enfatizando o papel dos intercâmbios e redes de troca, e mesmo de cerâmicas feitas para a troca, utilizadas em atividade sociais intergrupos (VAN DEN BEL, 2010:89).

MONTE ALEGRE NO CONTEXTO REGIONAL DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DO BAIXO AMAZONAS

Monte Alegre é, muitas vezes, definida como uma região na “periferia” de Santarém, embora esteja na margem oposta do Amazonas e a aproximadamente 200 quilômetros a nordeste. É verdade que o Lago Grande de Monte Alegre integra uma extensa região de lagos ao longo da calha do Amazonas, próximo à foz do Tapajós onde se encontra o sítio Aldeia, em Santarém. Desde os levantamentos de Nimuendajú na década de 1920, hoje revisitados pelo projeto *The Cultivated Wilderness* na área de Belterra (STENBORG *et al.* 2012), sabe-se da grande extensão do território tapajônico, alcançando 20.000 km². A extensão é calculada a partir da distribuição de sítios com materiais cerâmicos do estilo Santarém que apresentam datas iniciais entre de 800 a 900 AD e vão até após o período de contato (GOMES, 2002; SCHAAN, 2016). Os materiais coletados por Nimuendajú em Monte Alegre apresentam elementos do estilo Santarém, assim como de outro estilo relacionado, o Konduri, estimado entre 1.000 e 1.500 AD (HILBERT, 1955; GUAPINDAIA, 2008), e por isso a área acaba por ser considerada como pertencente ao extenso território tapajônico. Sabemos também que, desde a colonização até os dias de hoje, há uma estreita relação econômica e administrativa de Monte Alegre com Santarém.

No entanto, os relatos históricos sobre a ocupação indígena de Monte Alegre não apontam para um forte domínio territorial de um grupo indígena em particular à época da colonização, que aí se inicia bastante cedo, contando com uma Missão já em 1639. A região é descrita como ocupada por diferentes

povos: além dos Gurupatuba (primeiro nome mencionado para o rio e local da atual cidade de Monte Alegre), são mencionados também os Carabocas, os Bubuizes, os Mariaus e os Serranos (REIS, 1942). Contudo, é possível que, a esta época, a Missão de Gurupatuba tenha já agrupado índios vindos de outros locais. O fato mais importante é que não há menção aos índios Tapajós, como encontramos para a mesma época em Santarém (BETTENDORF, 1909; GUAPINDAIA, 2004). Sabemos que os Tapajós ocuparam territórios bem a leste de Santarém, na margem direita do Amazonas, indo até o rio Jarauçu, afluente do baixo Xingu, (GUAPINDAIA, 2004), mas não se sabe se chegaram a ocupar também a margem esquerda, onde se encontra hoje Monte Alegre.

É importante realçarmos o fato de que, para além da relação de proximidade com Santarém e a foz do Tapajós, Monte Alegre se diferencia de Santarém por pertencer a um universo ambiental típico dos vales da calha norte do baixo Amazonas que têm suas nascentes no Planalto das Guianas e correm para o sul, em direção ao Amazonas, relativamente encaixados em serras areníticas e, ao chegar na planície, se espalham formando grandes lagos paralelos à várzea do Amazonas. Este é o caso dos rios Nhamundá, Mapuera, Trombetas, Paru do Oeste, Curuá, e Maicuru, este último o que forma o Lago Grande de Monte Alegre. Há, portanto, uma relação direta, via estes rios, com as áreas planálticas ao norte do Pará, Amapá e Guianas. Esta caracterização de Monte Alegre como integrando um universo paisagístico da calha norte do Amazonas direciona a discussão sobre esferas regionais de interação para uma direção oposta a Santarém, a ser verificada nos materiais cerâmicos.

AS CERÂMICAS DE MONTE ALEGRE

Até o momento da realização de nossas pesquisas, as cerâmicas mais conhecidas para a região eram as das coleções do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), formadas e doadas por viajantes, moradores e pesquisadores (entre estes, Frederico Barata e Peter Hilbert), além das coletadas por Curt Nimuendajú. Este esteve em Monte Alegre em 1924 e também coletou cerâmicas à superfície de sítios a céu aberto, documentadas em algumas das pranchas de publicação póstuma (NIMUENDAJÚ, 2004: 295-300). Visto que muitos dos sítios arqueológicos encontram-se hoje bastante impactados pelas atividades agropecuárias da região, restando poucos fragmentos diagnósticos à superfície, estes registros de épocas mais antigas são importantes para a documentação justamente das ocupações ceramistas mais recentes, cujos vestígios, em geral, são os primeiros a serem destruídos.

Uma análise preliminar das cerâmicas destas coleções denotam claramente elementos típicos das cerâmicas Inciso-Ponteadas. A presença de cariátides, estatuetas, vasilhames com bases anelares e em pedestal, gargalos, decorações incisas e ponteadas, apliques em filetes e botões, apêndices com caretas, bordas vazadas, bordas com alça, além de algumas das formas de vasilhames remetem claramente aos repertórios dos complexos cerâmicos Santarém e Konduri⁵.

⁵ Neste artigo, utilizamos o termo complexo cerâmico para identificar aqueles conjuntos que vêm sendo historicamente identificados e associados a uma determinada indústria cerâmica ou cultura específica por apresentar um repertório de

Porém, apesar das semelhanças estilísticas, estas cerâmicas apresentam pastas mais heterogêneas, uma grande variedade na densidade do cauxi e um grau de acabamento bem mais grosseiro que a típica e complexa cerâmica tapajônica encontrada na área de Santarém, como se vê na peça da figura 2 (acima à esquerda). Esta parece ser uma característica também das cerâmicas Konduri de acordo com Hilbert (1955) e Guapindaia (2008:49). Além disso, existem outros elementos que parecem destoar dos repertórios conhecidos para ambos os complexos Santarém e Konduri. E mesmo dentre os elementos Santarém ou Konduri conhecidos, apenas alguns parecem ter sido escolhidos para repetição em grande profusão, como as bordas com pequenas incisões ou entalhes paralelos, os ponteados em linha simples ao longo dos lábios e ombros, e as flanges labiais formando bicos triangulares. Estes elementos são compatíveis com as variações observadas por Guapindaia (2008) e Gomes (2002), por vezes denominando estas variações como “Estilo de influência Konduri”, ou diferentes modos, tal qual o “Konduri ponteadado em profusão” e outros.

Figura 2 - Peças provenientes de Monte Alegre em antigas coleções do Museu Paraense Emílio Goeldi. Acima, à esquerda, vaso de estilo Santarém com acabamento grosseiro, e à direita vaso em forma de barco com quatro pés. Abaixo, borda recortada, figura antropomorfa e decoração com apliques que remetem às cerâmicas Koriabo. Fotos: Cristiana Barreto e Edithe Pereira.



elementos tecnológicos ou estilísticos recorrentes, muitas vezes descritos como fases, sob a metodologia do PRONAPABA. Em nossas próprias análises, preferimos usar o termo estilo, entendido não só como formas compartilhadas de conceber e fabricar objetos cerâmicos, mas também como produto e vetor de diferentes processos de interação social e construção de identidades (CONKEY, 1990).

Nas coleções do Museu Goeldi, como nas pranchas do material coletado por Nimuendajú (2004: 295-300), identificamos características que destoam bastante dos complexos Santarém e Konduri, como as flanges labiais extensas e planas, às vezes com abaulamentos circulares, e com lábios recortados formando vários lóbulos e dando ao vaso um aspecto floriforme, semelhantes às bordas de vasos abertos descritos para cerâmicas classificadas no que se denominou fase Koriabo, tanto nas Guianas, como nas áreas mais montanhosas do Amapá (ROSTAIN, 1994; BOOMERT, 2004; CABRAL, 2011; VAN DEN BEL, 2010). Saldanha identifica as tigelas com uma grande flange labial, muitas com estes lábios “polilobados” ou “floriformes”, como um dos traços mais característicos da cerâmica Koriabo (SALDANHA *et al.*, 2016). Por outro lado, existem outros elementos que aparecem nestas coleções de superfície provenientes de Monte Alegre, como bordas ocas, tigelas com engobo ou banho na parte interna, apliques em filetes e botões (ou pastilhas), incisos e ponteados, que estão presentes tanto nas cerâmicas Konduri, como nas cerâmicas Koriabo, apesar das formas dos vasilhames serem distintas (Figura 2).

Assim, em Monte Alegre, parece haver uma confluência de alguns elementos Santarém e Konduri, com outros Koriabo, restando-nos entender a natureza do fluxo estilístico nestes horizontes mais recentes ao longo do baixo Amazonas e a posição de Monte Alegre nesta dinâmica. Referimo-nos aqui à ideia de fluxo estilístico conforme discutida anteriormente por Barreto (2010:199), que retoma conceitos trazidos da etnologia por Lux Vidal no estudo das sociedades multiétnicas do Oiapoque, onde considera “correntes de fluxo” enquanto processos de circulação de significações de tradições específicas entre diferentes unidades sociais, ou “fluxos culturais” para explicar o caráter não estrutural e dinâmico na constituição de culturas a partir de diferentes formas de interação (VIDAL, 1999).

Considerando a possibilidade da região de Monte Alegre estar integrada ao universo cultural mais amplo da calha norte do baixo Rio Amazonas, incluindo as Guianas e Amapá, e que o rio Maicuru, que deságua no Amazonas na altura de Monte Alegre, poderia ter sido uma via de comunicação em um eixo Norte-Sul, entre as áreas montanhosas das Guianas e Amapá e a região lagunar do baixo Amazonas, voltamos nossa atenção para uma melhor caracterização da distribuição temporal e espacial das cerâmicas Koriabo das Guianas e Amapá, disponível na bibliografia.

O complexo Koriabo, inicialmente identificado enquanto uma fase da Tradição Polícroma por Evans e Meggers (1960), foi datado relativamente entre 800 e 400 A.P. Apesar de várias datas discordantes, de acordo Saldanha e colaboradores (SALDANHA *et al.*, 2016) parece haver hoje um consenso que as cerâmicas Koriabo se situam em uma faixa temporal entre 1200 à 400 A.P. (BOOMERT, 2004), indicando contemporaneidade com os estilos cerâmicos do baixo Amazonas, tanto Santarém, com datas iniciando por volta de 800 a 900 AD (GOMES, 2002; SCHAAN, 2016), como Konduri, estimado entre 1.000 e 1.500 AD (HILBERT, 1955; GUAPINDAIA, 2008). Apesar da fase Koriabo ter sido afiliada à Tradição Polícroma da Amazônia por Evans e Meggers, hoje seus repertórios tecno-estilísticos são melhor conhecidos e documentados, e pode se

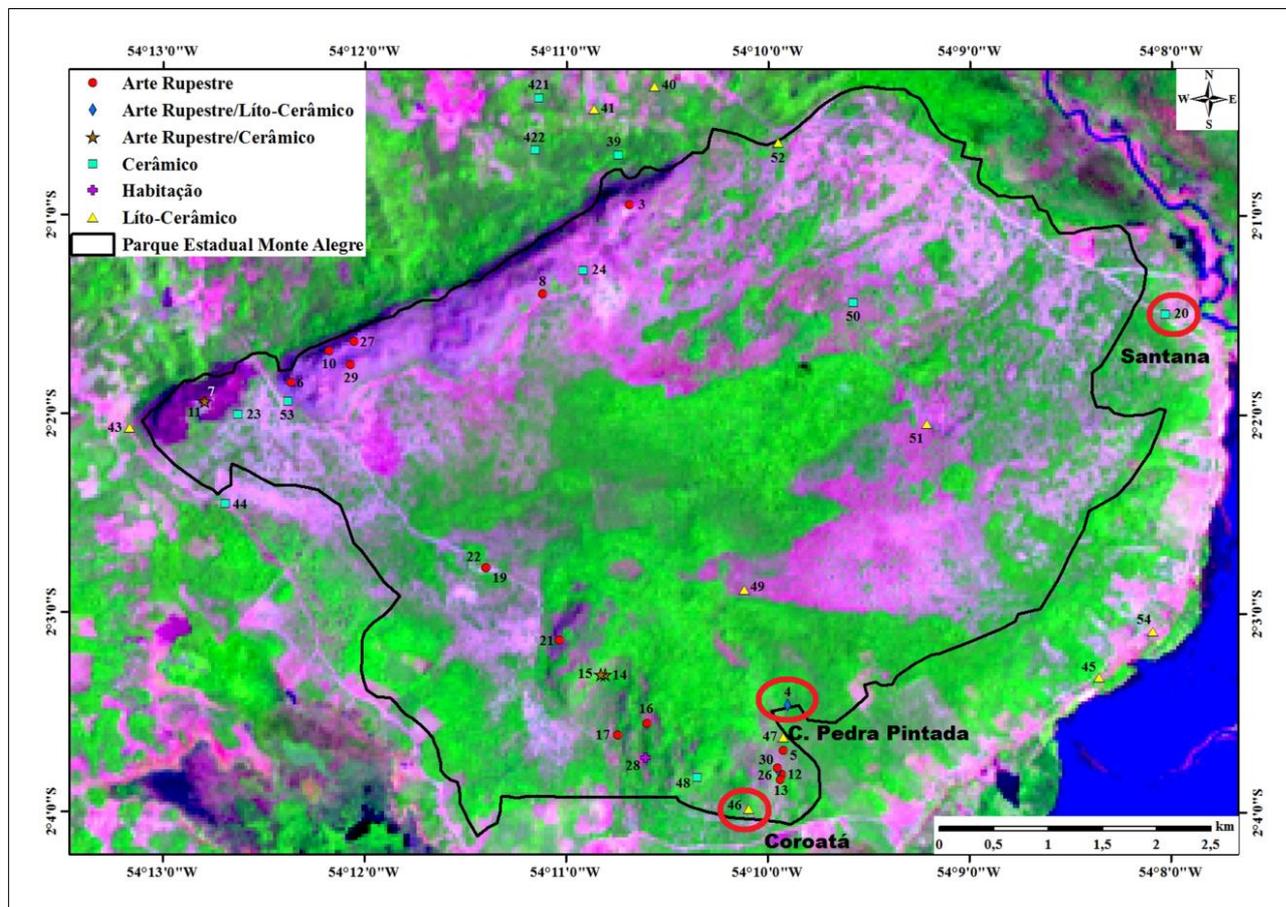
dizer que apresenta mais elementos em comum com a cerâmica Konduri e com os complexos da Tradição Inciso-Ponteada em geral. Isto ocorre sobretudo no que diz respeito às decorações plásticas, com a presença de apliques antropomorfos e zoomorfos, aplicação de filetes, botões e incisões sobre apliques. Contudo, sua enorme área de dispersão e a diversidade de contextos específicos em que é encontrada colocam ainda muitas questões sobre a correspondência destas cerâmicas a uma fase ou cultura específica (CABRAL, 2011), ou a apenas um gênero de cerâmica feita para a troca, como propõe Van den Bel (2010:89). Pode-se ainda pensar em cerâmicas para uso cerimonial em práticas rituais compartilhadas por diferentes grupos culturais, vizinhos ou não, que ocuparam a calha norte do baixo Amazonas, a exemplo do atual ritual do Turé praticado entre diferentes povos indígenas do Amapá (ANDRADE, 2007).

Cabral (2011) chama ainda a atenção ao fato de que o uso generalizante da categoria classificatória Koriabo, definida a partir de alguns poucos elementos diagnósticos, possa vir a escamotear diferenças importantes, sobretudo diante do fato de que estas são encontradas em contextos também diversos. Em nossas análises das amostras cerâmicas provenientes das escavações, levamos em conta a possibilidade de estarmos lidando com conjuntos cerâmicos que incluem este tipo de cerâmica de troca ou cerimonial, tanto em relação a uma matriz mais semelhante às cerâmicas dos complexos Santarém e Konduri, ou outra, diferenciada, de caráter mais local.

A PESQUISA COM SÍTIOS CERÂMICOS

A identificação dos sítios na área de pesquisa foi feita a partir de prospecções sistemáticas almejando um mapeamento de cobertura total dentro da área do PEMA. As prospecções tanto verificaram os sítios já conhecidos na área como identificaram outros novos. Hoje, conta-se com um total de 55 sítios arqueológicos conhecidos na área de pesquisa e seu entorno. Destes, 34 apresentaram material cerâmico à sua superfície, 29 são sítios a céu aberto, e os outros 6 são sítios que estão em abrigos e cavernas, muitos deles apresentando também registros rupestres e materiais líticos lascados e polidos (Figura 3).

Figura 3 - Localização dos sítios arqueológicos na área de pesquisa e entorno. Os sítios mencionados (Caverna da Pedra Pintada, Santana e Coroatá) estão circulados em vermelho. Mapa: Carlos P. Barbosa.



Dos 29 sítios a céu aberto, escolhemos três sítios para serem escavados, procurando amostrar as diferentes implantações na paisagem. São eles os sítios Santana (PA-MT- 26), Coroatá (PA-MT-59) e Caminho da Pedra Pintada (PA-MT-60), localizados no mapa da figura 3. Aqui vamos descrever com maiores detalhes as cerâmicas dos dois primeiros sítios, que foram os que resultaram em amostras cerâmicas mais significativas. Nestes sítios, foram feitas coletas sistemáticas de superfície por toda a área do sítio de fragmentos com elementos diagnósticos (bordas, bases, inflexões, e paredes decoradas), sondagens de 0,50 x 0,50 m de 10 em 10 metros nas linhas de quadriculamento feitas para a delimitação do sítio, onde foram coletados todos os fragmentos de cerâmica, além das escavações por níveis artificiais de 5 em 5 cm, com coleta total da cerâmica e outros vestígios, além de outras amostras de materiais para datação e análise diversas.

A análise da cerâmica foi feita com os fragmentos maiores que 1 cm, separando as amostras de superfície e de escavação devido aos diferentes critérios de coleta. Procedeu-se ao registro de atributos relativos às diferentes etapas da cadeia operatória de confecção, uso e descarte das vasilhas, incluindo, além dos dados de proveniência e contexto, os dados sobre a composição e homogeneidade da pasta, tipos de queima, composição dos contornos e bordas

das vasilhas, regularidade das paredes, tratamentos de superfície, acabamento e decoração, além de sinais de utilização e descarte, somando-se ao todo 31 atributos observados. Para os atributos que apresentam mais de uma variável, como antiplásticos, ou técnicas de decoração, foram compiladas a presença e ausência separadamente de modo a podermos comparar a proporção em que ocorrem no material de cada sítio ou contexto. As formas foram reconstituídas a partir das bordas, bases e inflexões mais recorrentes. Os resultados foram compilados estatisticamente de forma a obtermos parâmetros comparativos sobre a frequência e diversidade de diferentes elementos tecno-estilísticos para os diferentes sítios e contextos.

AS CERÂMICAS DO SÍTIO SANTANA (PA-MT-26)

Este é um sítio próximo aos limites do PEMA, junto à comunidade de Santana, abrangendo uma área aproximada de 300 x 250 metros, área esta definida a partir da presença de terra preta associada à ocorrência de material arqueológico (cerâmica e líticos). Situado em média e baixa vertente, em setor mais plano e mais alto em relação ao igarapé Ererê, a vegetação atual é de capoeira, em função do desmatamento da área. Um grande lago, muito rico em peixes, marca a paisagem, estando a poucos metros do sítio, dependendo da estação.

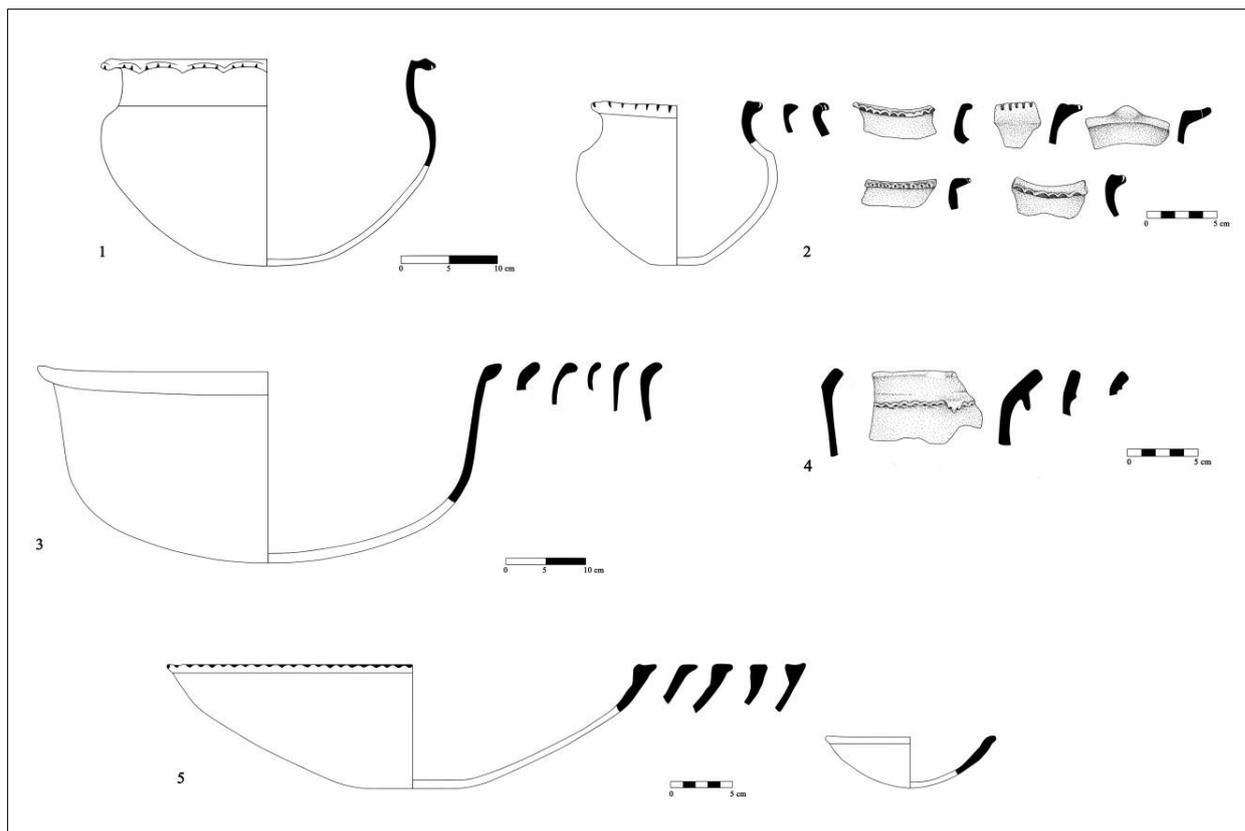
A amostra de cerâmicas analisada deste sítio conta com um total de 2.487 fragmentos cerâmicos. Este sítio foi escolhido para pesquisas mais sistemáticas por apresentar uma grande densidade de material cerâmico aflorando à superfície, ou sob uma leve camada de areia recobrando a terra preta.

Entre os trabalhos de campo de prospecção e de escavação, uma nova estrada foi aberta cortando toda a extensão do sítio próximo à sua área central, revelando não só a terra preta, mas uma quantidade expressiva de fragmentos e peças semi-inteiras. Foi realizada uma coleta de materiais diagnósticos (bordas, bases e fragmentos decorados) ao longo desta estrada, o que proporcionou uma boa coleção de referência para a variabilidade cerâmica ao longo de toda a extensão do sítio (304 fragmentos). Além disso, em etapa de campo subsequente, foram realizadas sondagens para a delimitação do sítio, onde foram coletados mais 495 fragmentos. Contudo, a maior parte do material coletado neste sítio provém de uma escavação realizada na área mais alta e plana do sítio, de 4m², resultando em 1.688 fragmentos. Deste material escavado, a maior parte do material vem de uma camada de terra preta de aproximadamente 40 cm de espessura, que se apresenta ligeiramente enterrada (iniciando entre 20 e 40 cm de profundidade).

Neste sítio, as cerâmicas apresentaram pouca variabilidade tecnológica e estilística. Mais da metade do material tem uma pasta homogênea com a adição de areia (55%), mas também aparecem cauxi (32%), caco moído (25%) e cariapé, este último em quantidades restritas a 1%. A combinação areia e cauxi é a mais comum. As paredes são bem alisadas e regulares, com pouca ou nenhuma variação de espessura na mesma peça. As cerâmicas apresentam núcleos bem oxidados na queima, resultando em vasilhas de paredes finas e resistentes.

Dentre as morfologias e volumes mais recorrentes, encontram-se as vasilhas grandes, abertas, com base plana e contorno direto, as tigelas médias com bordas infletidas externamente ou com ombros próximos às bordas, e os pequenos pratos com bordas espessas. As bordas frequentemente são ocas, dobradas ou reforçadas externamente e recebem pequenos apliques ou flanges labiais. (Figura 4).

Figura 4 - Morfologia de vasilhas e bordas decoradas dos sítios Santana (2 a 5) e níveis superiores da Caverna da Pedra Pintada (1). Desenhos: Erêndira Oliveira.



A proporção dos fragmentos decorados é baixa, totalizando apenas 10% do total do material, tanto das escavações e sondagens, como da coleta de superfície. As decorações ocorrem quase sempre sobre as bordas, lábios e flanges labiais, e por vezes também nos ombros ou inflexões. O tipo de decoração mais frequente é a plástica (62% do material decorado apresenta entalhes, incisões, ponteados, digitados e apliques) sempre na superfície externa (92%). Dos fragmentos decorados, 21% recebem engobo vermelho, mas a pintura, também em vermelho, ocorre em proporções bem menores (17%). Os elementos mais recorrentes são os ponteados e entalhes paralelos ao longo das bordas e ombros, e os bicos formados nos lábios de bordas reforçadas, com apliques ou flanges (Figuras 4 e 5). São comuns linhas incisadas retas e onduladas sobre as flanges. Quando há decoração nas paredes, estas são também feitas com incisões, acanalados rasos e escovados espessos, formando linhas paralelas ou motivos geométricos do tipo “espinha de peixe” (Figura 5).

Figura 5 - Elementos decorativos das cerâmicas do sítio Santana: bordas com flanges e apliques incisos e ponteados formando bicos; bordas e inflexões com entalhes paralelos e ponteados; paredes com incisões e acanalados em linhas paralelas; paredes com incisões finas em motivos "espinha de peixe". Fotos: Cristiana Barreto.



Não parece haver mudanças significativas na cerâmica coletada na superfície do sítio e nos diferentes níveis da escavação, nem quantitativa nem qualitativamente. Alguns elementos recorrentes, como as bordas entalhadas com bico, perduram ao longo de toda a estratigrafia do sítio.

Por ora, foram feitas três datações para este sítio. Duas datas foram obtidas por análise de termoluminescência⁶ de fragmentos cerâmicos provenientes da camada de sedimento mais escuro e são condizentes com a homogeneidade observada no material: 680+-90 anos A.P. e 720+-120 anos A.P., o que nos remete a uma ocupação por volta do século XIII. Uma terceira data de C14⁷, na base da mesma camada espessa de ocupação, resultou em 2.420+-20 anos AP, o que nos remete a uma ocupação bem mais antiga.

Estas primeiras referências cronológicas são interessantes na medida em que mostram que a ocupação cerâmica datada do século XIII certamente era contemporânea às ocupações conhecidas a oeste de Monte Alegre para as áreas

⁶ Amostras nos. 3842 e 3843 processadas no laboratório Datação, São Paulo.

⁷ Amostra Beta-349954, data convencional 2420+-30 anos AP; data calibrada (2 σ) 2510 anos AP a 2350 anos AP.

de Santarém e Trombetas, correspondendo aos complexos cerâmicos Santarém e Konduri. De fato, a cerâmica encontrada neste sítio apresenta algumas semelhanças com as destes complexos, como as decorações incisas e ponteadas, os apliques e flanges labiais.

Contudo, assim como nas coleções históricas do MPEG, o sítio Santana não apresenta materiais com o mesmo tipo de acabamento e complexidade dos materiais tapajônicos, como a larga gama de técnicas decorativas combinadas na mesma peça (combinando pintura, modelagem, incisões e ponteados), o alto grau de padronização formal de certos tipos cerâmicos (vasos de gargalo, de cariátides, etc.) e, sobretudo, variedade de representações de diferentes seres em apêndices e modelagens nos bojos e bordas das vasilhas típicas da cerâmica tapajônica (GOMES, 2001). Nas cerâmicas do sítio Santana, há uma visível referência à cerâmica tapajônica através da reprodução de apenas alguns elementos retirados e escolhidos do repertório estilístico tapajônico, como as bordas incisas e ponteadas, alguns gargalos e estatuetas, mas em uma versão que parece simplificada e combinada a um estilo local, com os elementos preponderantes descritos acima.

A datação mais antiga parece mais problemática, pois é improvável que o mesmo complexo cerâmico tenha tão grande antiguidade mantendo os mesmos elementos diagnósticos. Contudo, é possível que esta data testemunhe outra ocupação humana no local, não só bem mais antiga, mas também com cerâmicas equivalentes ao período da Tradição Pocó-Açutuba que aparecem a oeste de Santarém na região de Trombetas, na Amazônia Central, em Tefé, entre outras, com algumas datas do primeiro milênio antes da era Cristã (NEVES *et al*, 2014). Na região de Trombetas e Santarém, é comum que os sítios desta tradição sejam posteriormente reocupados por grupos dos complexos cerâmicos Santarém e Konduri (GUAPINDAIA, 2008). Portanto, é possível que tenhamos uma situação análoga no sítio Santana. Talvez os poucos fragmentos com engobo vermelho e decoração pintada, subrepresentados nas amostras coletadas na escavação, resultem desta possível ocupação mais antiga, mas ações antrópicas em períodos mais recentes podem ter misturado dois conjuntos cerâmicos distintos. Por enquanto, o melhor seria considerar esta data mais antiga com reservas, até que outros dados de contexto e mais datações indiquem, de fato, a possibilidade de um horizonte cerâmico mais antigo neste sítio.

AS CERÂMICAS DO SÍTIO COROATÁ (PA-MT-59)

O sítio Coroatá é um sítio de terra preta em área plana, entre a encosta da Serra do Paituna e o Lago Tucumã. Apresenta uma área ovalada de aproximadamente 150 por 200 metros e conta com grandes blocos de arenito à superfície já como o início dos afloramentos maiores que compõem a base da serra. Um destes blocos apresentou pinturas rupestres. Este sítio está bastante próximo a outros sítios rupestres, além da própria Caverna da Pedra Pintada (Figura 3).

Aqui, a densidade da cerâmica é também bastante alta à superfície e foram realizadas uma coleta de superfície de elementos diagnósticos (bordas, bases e

fragmentos decorados), várias sondagens de 0,50 x 0,50m na delimitação do sítio e duas escavações de 1m² e 2x1m respectivamente, resultando em um total de 577 fragmentos.

Apesar de uma amostra bem menor que a do sítio Santana, a análise da cerâmica identificou conjuntos muito mais diversificados do ponto de vista tecnológico e estilístico. As pastas levam os mesmos antiplásticos e em proporções e combinações semelhantes às do sítio Santana, isto é: areia (55%), cauxi (37%), caco moído (23%) e cariapé (1%) sendo a combinação mais recorrente a de areia com cauxi. Isto nos mostra que as argilas locais foram tratadas com inclusões de forma a comporem pastas muito semelhantes. Porém, se a tecnologia para o preparo da pasta é a mesma, há diferenças na cadeia operatória nas fases de acabamento e decoração. As diferenças de espessura das paredes em uma mesma peça são bem mais amplas, mostrando dois modos distintos de acabamento; há vasilhas com paredes mais irregulares e diferentes graus de alisamento de sua superfície, e outras com um acabamento e regularidade mais consistentes. 74% do material apresenta uma variação entre a espessura máxima e a espessura mínima na mesma vasilha de até 0,3 cm, ou seja, apresentam paredes bem uniformes e regulares; enquanto, no restante do material (26%), a variação de espessura de parede na mesma vasilha vai de 0,4 a até 1,8 cm, ou seja, com paredes bem mais irregulares. No sítio Santana, não verificamos esta variabilidade.

Além disso, aqui a proporção de materiais decorados é de 31% (bem maior do que os 10% do sítio Santana). Os elementos decorativos são aplicados de forma diferente nas vasilhas; apesar de aqui também predominarem nas paredes externas (60% dos fragmentos decorados), isto é menos comum do que no sítio Santana (80%). No sítio Coroatá, temos 20% dos fragmentos com elementos decorativos na superfície interna; e em outros 20%, em ambas as paredes.

Esta maior variabilidade da localização dos elementos decorativos pode estar relacionada ao emprego de técnicas também mais diversificadas. Enquanto que no sítio Santana a decoração é predominantemente plástica (incisos, ponteados, entalhados, apliques, etc.), no sítio Coroatá, 72% dos fragmentos decorados recebem engobo, e 28% apresentam pintura (contra 21% e 13% no sítio Santana, respectivamente). Este material com engobo e/ou pintura é justamente o que apresenta paredes mais regulares. Há uma variedade de combinações destas técnicas, com engobo vermelho ou branco sobre bordas recortadas, pintura vermelha em faixas, pintura amarela sobre engobo vermelho, e pintura preta em linhas sobre engobo branco. Percebe-se, portanto, diferenças importantes na natureza e diversidade das técnicas de acabamento e decoração.

Algumas das morfologias reconstituídas para os fragmentos deste sítio podem ser vistas na figura 6, como pequenas tigelas e vasilhas com boca restritiva. A morfologia das decorações plásticas também são mais diversificadas, incluindo a aplicação de filetes e botões, incisões em círculos concêntricos, bordas abauladas e a representação escultórica de humanos (estatuetas) e animais (no bojo de vasilhas). Algumas destas características podem ser vistas na figura 7.

Figura 6 - Morfologias e bordas do sítio Coroatá. Desenhos: Erêndira Oliveira.

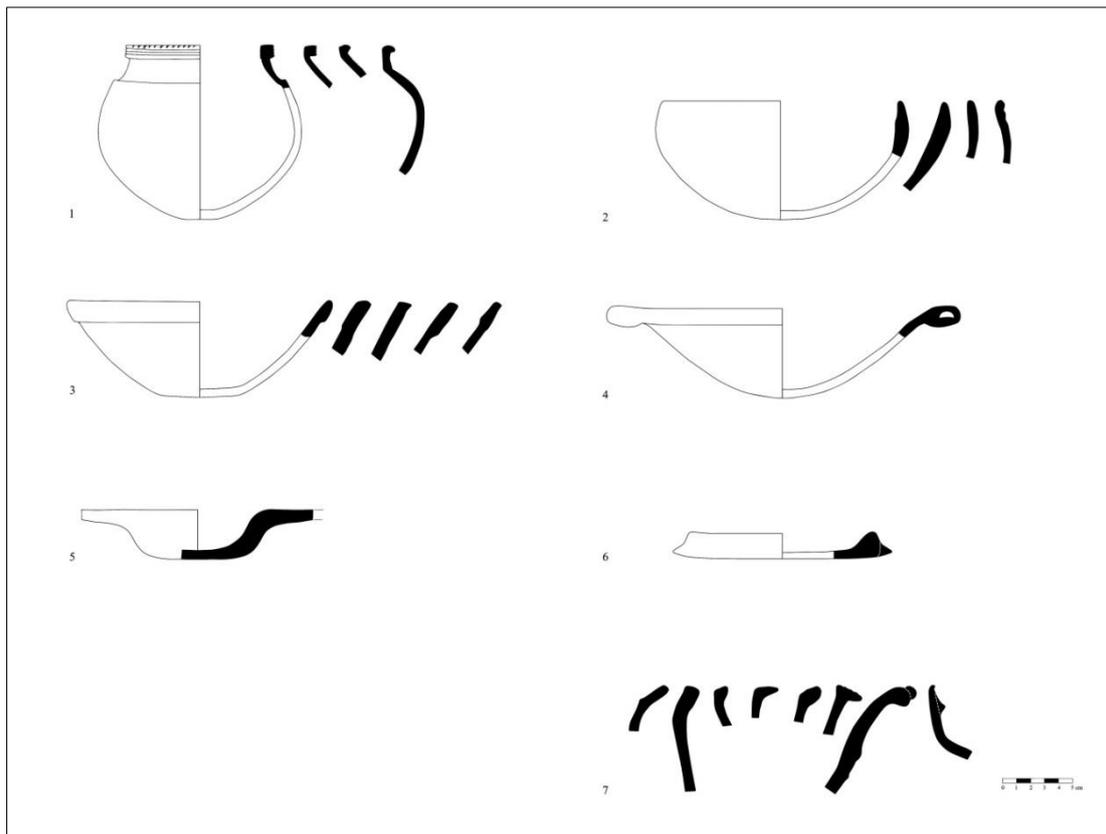


Figura 7 - Elementos decorativos do conjunto cerâmico do sítio Coroatá: vasilhas zoomorfas, borda recortada, botões aplicados e ponteados, pintura vermelha e amarela em faixas, e incisões paralelas em motivos geométricos. Fotos: Cristiana Barreto e Mayara Mariano.



Neste sítio, reconhecemos elementos diagnósticos da cerâmica Koriabo, como as bordas em lóbulos e abauladas, com lábios recortados, assim como os botões com ponteados, as áreas pintadas de vermelho sobre engobo branco, deixando faixas mais claras que acompanham as bordas. Como já observamos, mais materiais com estas bordas em lóbulos com lábios recortados e que remetem aos vasos floriformes da cerâmica Koriabo são encontrados nas pranchas de desenhos de Nimuendajú dos materiais que coletou em Monte Alegre, em 1924, (NIMUENDAJÚ, 2004) e nos materiais de coleções de inventário e históricas do MPEG.

Estes elementos Koriabo, sobretudo as bordas, estão presentes também em materiais provenientes de outras áreas Amazonas abaixo, contudo não está claro se pertencem a vasilhas com formas semelhantes às tigelas Koriabo, de base plana ou convexa, como documentadas no Amapá e Guianas (VAN DEN BEL, 2010, 2015; CABRAL, 2011, SALDANHA, 2016). Vasos com base em pedestal foram encontrados em contextos funerários no sítio Jaburu, na foz do rio Paru, município de Almeirim em escavações realizadas por equipe do MPEG coordenadas por Paulo Canto (2015, *comunicação pessoal*) e podem ser vistos na figura 8. Bordas deste tipo também estão sendo encontradas na região da Volta Grande do Xingu, nas pesquisas realizadas pela Scientia (Letícia Muller, 2014, *comunicação pessoal*), e na região de Gurupá, em pesquisas coordenadas por Helena Lima do MPEG (LIMA & FERNANDES, 2016). Assim sendo, nos parece que estes elementos (bordas com flanges floriformes ou plurilobulares, com superfícies abauladas e lábios recortados) não só ocorrem com ampla dispersão ao longo do baixo Amazonas, chegando até Monte Alegre, mas também em áreas de ambas as margens do Amazonas. Dispomos de vasilhas inteiras apenas em Almeirim (três ao todo), mas é interessante notar que, ao menos nestas vasilhas, as bordas floriformes ocorrem em combinação com bases em pedestal, assemelhando-se mais às peças Santarém, por vezes denominadas “fruteiras”, e diferindo das tigelas floriforme com bases planas ou convexas. Isto talvez possa indicar o caráter fragmentário com que fluxos estilísticos tenham ocorrido nesta região, com ceramistas emulando ou incorporando alguns elementos decorativos de seus vizinhos, ou de materiais vindos de áreas mais distantes através da troca, como as bordas floriformes, e aplicando-os em vasos com formas da tradição local, como as vasilhas tapajônicas com base em pedestal.

Figura 8 - Acima, duas vasilhas com base em pedestal e bordas floriformes provenientes da área da foz do rio Paru, Almeirim. Acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, Coleta de Paulo Canto. Fotos: Amauri Matos. Abaixo, vasilha com base em pedestal ("fruteira") da cultura Santarém. Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fotos: Fernando Chaves.



No sítio Coroatá, outros elementos estilísticos replicam traços das cerâmicas Santarém e Konduri, como outros vasos com base em pedestal e os vasos de gargalo, as estatuetas, os apliques em filetes e botões, a profusão de incisos e ponteados e a representação de animais no bojo de recipientes.

Do ponto de vista da distribuição cronológica, este sítio forneceu duas datações: uma por termoluminescência 765+-95 anos A.P. e outra de carvão por AMS de 590+-30 anos A.P.⁸. Este período dos séculos XIII ao XV é compatível com as datas mais recentes para ambas as fases Koriabo (CABRAL, 2011), como para as datas já citadas dos complexos Santarém e Konduri (GOMES, 2002; SCHAAN, 2016).

Espera-se melhor compreender estas relações das cerâmicas do sítio Coroatá com os complexos cerâmicos mais recentes do baixo Amazonas a partir de uma cronologia mais detalhada obtida tanto nas escavações de mais sítios a céu aberto na região de Monte Alegre, como também das datações das cerâmicas coletadas em escavações recentes da Caverna da Pedra Pintada.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ESTILOS CERÂMICOS E INTERAÇÃO SOCIAL NO BAIXO AMAZONAS

As características das cerâmicas analisadas nos dois sítios aqui considerados indicam a intensa ocupação por grupos ceramistas de sítios a céu aberto nesta área, pelo menos a partir do século XIII da era Cristã e provavelmente indo até a época de contato. Estas ocupações mais recentes certamente devem corresponder ao período que Roosevelt identificou na cronologia da Caverna da Pedra Pintada entre 675 e 430 anos AP e que denominou de Pariçó⁹. Nossas datações se encaixam bem neste intervalo e mostram que talvez esta ocupação esteja sobreposta a outra mais antiga, com manifestações menos evidentes no registro cerâmico, datando de alguns séculos antes da era cristã, como parece ser comum nas áreas a oeste de Santarém, contando com um hiato cronológico importante entre elas (GUAPINDAIA & LOPES, 2011).

Os resultados da análise remetem a três questões importantes. A primeira é que, considerando a longa ocupação documentada nas datas obtidas por Roosevelt na Caverna da Pedra Pintada, remontando a 11 mil anos antes do presente, vemos que os complexos cerâmicos mais recentes não necessariamente resultam de grandes adensamentos populacionais e do aumento da complexidade social contínuo e crescente, conforme argumentou Roosevelt para explicar o surgimento de cacicados no Baixo Amazonas (ROOSEVELT, 1992). Ao contrário, os sítios não apresentam dimensões muito extensas, quando comparados à grande aldeia de Santarém, e também não apresentam estruturas de terra ou demais alterações na paisagem que indiquem grande mobilização social. As cerâmicas encontradas em Monte Alegre tampouco apresentam as características de acabamento e complexidade estilística típicas dos complexos de Santarém e da fase Marajoara. Se a proximidade de Monte Alegre a Santarém favorece a possibilidade de uma forte influência social, política e cultural do grande cacicado de Santarém sobre a região de Monte Alegre, o que vemos é o contrário, cerâmicas que compõem

⁸ Respectivamente amostra no. 3844 processada pelo laboratório Datação, São Paulo, e amostra Beta- no. 349952 com data convencional de 590+-30 AP, e data calibrada (2 σ) de 650-580 AP.

⁹ Roosevelt et al. (1996) retomaram o nome Pariçó já usado por Nimuendajú para nomear um sítio cerâmico por ele visitado e que hoje corresponde a um bairro da cidade de Monte Alegre, à margem do rio Amazonas, já bastante impactado.

um estilo local, onde alguns elementos das cerâmicas Santarém e Konduri foram selecionados e incorporados ao universo estilístico bem padronizado e aqui ilustrado pelas cerâmicas do sítio Santana.

Uma comparação com os materiais cerâmicos mais antigos proveniente de escavações da Caverna da Pedra Pintada também poderá esclarecer o quão antigo e persistente este estilo local pode ter sido, ou se temos uma sobreposição de estilos distintos, separados ou não por hiatos cronológicos. Por ora, os dados indicam que este estilo local se formaliza tardiamente, por volta de 1200 A.D., justamente quando se interrompem as ocupações ao sul de Santarém identificadas por Gomes (2007) e quando se tem uma expansão de sítios tapajônicos para áreas de platô na região de Belterra (SCHAAN, 2016). Por outro lado, é também durante o período de presença de sítios com materiais Koriabo na Guiana Francesa e sul do Amapá. É possível que este seja um momento de reposicionamento de comunidades locais dentro das configurações de redes de troca e aliança ao longo do baixo Amazonas.

A continuidade da pesquisa deve indicar até que ponto podemos considerar este estilo de Monte Alegre como “periférico” ao grande núcleo que representa Santarém dentro da Tradição Inciso-Ponteadada, ou se estamos lidando com um estilo local, independente. Por ora, as cerâmicas parecem não indicar uma influência tão forte vinda do lado de Santarém; ao contrário, há escolhas deliberadas de replicação de apenas alguns elementos da cerâmica Santarém, com a incorporação, ao menos em determinados contextos, de elementos Koriabo. Assim, pensando-se nas características de Monte Alegre enquanto um lugar persistente, fica claro que a persistência não é necessariamente contínua e gradual, mas sim sujeita a ressignificações do lugar de acordo com os processos sócio-políticos do contexto regional mais amplo.

A segunda questão importante é indicada pelas diferenças observadas nos conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui considerados. O sítio Santana, um pouco mais distante das serras e próximo a um bom local para as atividades de pesca e acesso ao rio, constituindo talvez uma antiga aldeia, apresenta uma cerâmica mais homogênea, menos decorada e mais utilitária, ainda que estes conceitos devam ser relativizados nas análises de cultura material ameríndia em geral. O sítio Coroatá, mais próximo aos sítios rupestres, contando inclusive com um painel de pinturas em bloco de arenito à sua superfície, apresentou um conjunto com cerâmicas mais decoradas, com representações humanas e de animais, possivelmente relacionadas a atividades de natureza ritual. Neste sítio, o material diagnóstico Koriabo pode corroborar a sugestão de que se trata mais de um repertório exclusivo à cerâmica cerimonial compartilhado por toda a região do baixo Amazonas neste período do que propriamente um estilo cerâmico de um determinado grupo cultural. De fato, a menor quantidade de cerâmica, em geral, mas com uma maior proporção e variedade de cerâmicas decoradas, além da arte rupestre, parece sugerir um uso diferenciado para atividades rituais no sítio Coroatá. De qualquer forma, as diferenças das cerâmicas encontradas nestes dois sítios, cujas datas indicam serem contemporâneos, mostram usos distintos dos sítios a céu aberto, mostrando que, mesmo estando relativamente próximos entre si (cerca de 6 quilômetros) e

próximos do rio e da várzea, nem todos os sítios a céu aberto correspondem a contextos estritamente residenciais ou domésticos.

A correlação destas cerâmicas com a escavada na Caverna da Pedra Pintada deve trazer mais subsídios para melhor entendermos a espacialização das diferentes atividades dentro da área e a relação entre possíveis conjuntos de cerâmicas domésticas e cerimoniais.

A terceira questão trazida pela análise dos materiais destes sítios é justamente como a posição de Monte Alegre, no contexto geral da arqueologia do baixo Amazonas, logo abaixo de Santarém, mas na calha norte do Amazonas, pode nos informar sobre processos de fluxo estilístico, empréstimos, emulações etc. Monte Alegre, inserida no eixo de deslocamentos leste-oeste proporcionado pelo grande rio, parece ter estado também conectada a grupos e manifestações estilísticas originários das áreas montanhosas do Tumucumaque ao norte, região das nascentes do Rio Maicurú, que deságua no Amazonas na altura de Monte Alegre. A expansão das pesquisas incluindo sítios ao longo deste rio deve fornecer pistas importantes para melhor entendermos o papel destas vias fluviais enquanto eixos que organizam o fluxo de informação e intercâmbios.

Os conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui analisados, ainda que distintos entre si e constituindo um estilo local, parecem compartilhar de matrizes estilísticas comuns, com elementos presentes tanto nas cerâmicas Konduri como na cerâmica Koriabo. As cerâmicas de Monte Alegre talvez possam assim ser inseridas dentro de um universo mais amplo de “cerâmicas com K” (K de Karib), conforme a relação já aventada por diversos arqueólogos entre estas cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteadado e grupos falantes de línguas Caribe, e que parecem se estender por toda a calha norte do Baixo Amazonas, mostrando, desse modo, que o fluxo estilístico se dava não só ao longo do eixo leste-oeste do grande rio, mas também norte-sul (ou serras guianenses – planícies lagunares do Amazonas). Rostain (1994), ao discutir a área de origem e as possíveis direções de expansão geográfica das cerâmicas Koriabo, já apontava para estes possíveis deslocamentos norte-sul, mas considerou pouco provável a hipótese aventada por Hilbert (1982) de que este complexo tenha se originado no Amapá, se expandido pela costa oeste e depois adentrado o continente até a calha do médio Amazonas. Contudo, quando destas considerações de Rostain, nenhum sítio Koriabo tinha sido encontrado na calha do Amazonas. A clara presença de cerâmica Koriabo em sítios em Monte Alegre, Almeirim, Gurupá, semelhantes àquelas identificadas nas Guianas e Amapá por Van den Bel (2010, 2015), Rostain (1994, 2016) e Saldanha e colaboradores (2016), indica que também as vias fluviais, que nascem no planalto das Guianas e desaguam no Amazonas, podem ter servido como rotas de comunicação e trocas, a exemplo de algumas rotas de fuga de escravos documentadas para períodos históricos pelos rios Trombetas, Erepecurú e Curuá (SALLES, 1971).

Contudo, como dissemos, apesar do provável papel que as vias fluviais tiveram na organização espacial de fluxos culturais, ao invés de focarmos em rotas de dispersão, parece-nos mais interessante entendermos os hibridismos estilísticos em termos de áreas de interação, onde diferentes estilos se

desenvolvem, um em relação aos outros, demarcando suas identidades através tanto das semelhanças como das diferenças com seus vizinhos, dentro de uma linguagem maior comum, que talvez corresponda ao universo dos falantes de línguas Caribe e que partilham determinadas práticas cerimoniais. As cerâmicas de Monte Alegre parecem indicar que, no baixo Amazonas, neste período entre o ano 1.000 A.D. e o contato com os europeus, as fronteiras dos complexos cerâmicos talvez sejam não só mais fluidas, mas também mais permeáveis a fluxos estilísticos, traduzindo-se na cerâmica de forma mais fragmentária, combinando elementos trazidos de diferentes tradições vizinhas, ou mesmo distantes, a uma tecnologia local. As diferenças observadas nos conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui apresentados parecem apontar para um sistema tecnológico cerâmico onde uma tecnologia local perdura de forma consistente por algumas centenas de anos, e outro, em paralelo, onde ocorre uma mistura deliberada de elementos estilísticos externos e que talvez esteja associada ao compartilhamento de práticas rituais. Resta-nos entender como se dão estas escolhas e como elas se relacionam aos diferentes contextos de uso das cerâmicas.

A etnologia ameríndia nos mostra que o intercâmbio de bens, ao longo de extensas redes de relações na região das Guianas, embora constitua o principal meio de obtenção de bens exógenos, não pode ser explicado com base na escassez de determinados produtos ou por razões meramente utilitárias ou econômicas; o interesse por trás das longas viagens e intercâmbios parece residir não só nos objetos, mas nos laços sociais que se quer atualizar por meio de parceiros específicos em aldeias distantes. A preferência em buscar certos bens e relações com povos distantes social e geograficamente (inclusive não-índios) é clara entre os Tiriyó (GRUPIONI, 2006) e os Wayana e os Apalai (BARBOSA, 2007), por exemplo. As diferentes relações de parceria de troca estabelecidas faz com que a obrigação da reciprocidade se torne um idioma que regula a troca equilibrada e confere a valorização da igualdade entre homens adultos de diferentes comunidades. Mas nem sempre podemos pensar nestas parcerias de troca como elementos reguladores ou preventivos de hierarquias sociais; ao contrário, por meio das longas e custosas viagens, em vez de estabelecerem parcerias em suas próprias aldeias ou com parentes próximos, preferem expandir sua conectividade e influência por meio dos objetos cedidos e recebidos nessas transações, atestando a habilidade do possuidor de objetos exógenos em mobilizar suas redes de relações e as redes de relações de seus parceiros em seu favor (BARBOSA, 2007). O que fica claro nos dados etnográficos sobre o tecer destas redes é que os intercâmbios e as parcerias cumprem um papel político, estendendo identidades específicas a longa distância, mas também estabelecendo relações pacíficas com as comunidades vizinhas e distantes (GRUPIONI, 2006).

Pensando-se no contexto arqueológico pré-conquista e no registro arqueológico dos estilos cerâmicos da região de Monte Alegre, esta dinâmica documentada pela etnografia poderia muito bem explicar a presença de elementos estilísticos Koriabo em um estilo local, onde comunidades, através de

suas parcerias de troca ou intercâmbio com povos mais distantes ao norte, resistem ao poder hegemônico do cacicado de Santarém a oeste.

Alguns elementos, como os associados à cerâmica Koriabo, parecem ter uma dispersão regional imensa, indo do Caribe à calha do Amazonas, de Santarém ao estuário amazônico e nos lembram as extensões das redes de circulação dos pequenos objetos de pedra verde, como os muiraquitãs (BOOMERT, 1987; 2004; BARRETO, 2010). Parece que aqui temos não só um cenário semelhante às extensas redes de relações documentadas etnograficamente para os povos indígenas das Guianas e Amapá (GALLOIS *et al.*, 2005; ANDRADE, 2007; BARBOSA, 2007), como também múltiplos eixos de organização destas redes para além da direção leste-oeste facilitada pelo Amazonas.

Assim, em Monte Alegre e no baixo Amazonas em geral, apesar de todos os indícios destas extensas redes, as identidades locais persistem, nas paisagens construídas, nos lugares ocupados, e também na cerâmica, mostrando que, apesar do fluxo estilístico, traduzido por empréstimos, cópias e emulações de elementos específicos, é nas escolhas do quê e com quem trocar, e nas combinações únicas que estas escolhas criam, onde reside a identidade dos estilos locais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq pelo financiamento da pesquisa de campo; a toda a equipe do projeto Monte Alegre; ao MPEG/MCT por uma bolsa do Programa de Capacitação Institucional de curta duração concedida a Cristiana Barreto para os trabalhos de laboratório; a Erêndira Oliveira pelos desenhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, D., 2012. *Horticultores do Tapajós: Contexto formativo no sítio Porto de Santarém, baixo Amazonas, Pará*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.
- ANDRADE, U. M., 2007. *O real que não é visto. Xamanismo e relação no baixo Oiapoque*. Tese de Doutorado, programa de Pós-graduação em Antropologia Social, FFLCH, Universidade de São Paulo.
- BARBOSA, G. C., 2007. *Os Aparai e Wayana e suas redes de intercâmbio*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, FFLCH, Universidade de São Paulo.
- BARRETO, C., 2006. Caminos de la desigualdad: Perspectivas desde las tierras bajas de Brasil. In: Cristóbal Gnecco, Carl Langebaek. (Org.). *Contra la tiranía del pensamiento tipológico*. Bogotá, Ediciones Uniandes, pp.1-30.
- BARRETO, C., 2010. Cerâmica e complexidade social na Amazônia antiga: uma perspectiva a partir de Marajó. In: PEREIRA, E. & GUAPINDAIA, V. (eds). *Arqueologia Amazônica*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 193-212.
- BAUGH, T.; ERICSON, J. (eds.), 1994. *Prehistoric Exchange Systems in North America*. New York, Plenum Press.

- BETTENDORF, J. F., 1909. Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. In: *Revista do IHGB*. Tomo LXXII, Parte I. Rio de Janeiro.
- BOOMERT, A., 1987. Gifts of the Amazons: "Green Stone" pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean", *Antropológica*, Caracas, Fundación de Ciencias Naturales La Salle, n. 67, p. 33-54.
- BOOMERT, A., 2004. Koriabo and the Polychrome Tradition: The Late-Prehistoric era between the Orinoco and Amazon mouths. In: DELPUECH, A.; HOFMAN, C. *Late Ceramic Age Societies in the Eastern Caribbean*. Paris, Monographs in American Archaeology 14. BAR IS 1273.
- BUENO, L.; DIAS, A. S.; STEELE, J., 2013. The Late Pleistocene/Early Holocene archaeological record in Brazil: A geo-referenced database. *Quaternary International*, v. 301, pp.74-93.
- CABRAL, M. P., 2011. Juntando cacos: uma reflexão sobre a classificação da fase Koriabo no Amapá. *Amazônica* 3(1):88-106.
- CALDWELL, J. R., 1964. Interaction spheres in prehistory. In: CALDWELL, J. e HALL, R. *Hopewell Studies*, pp. 135-143. Scientific Papers No. 12, Illinois State Museum, Springfield.
- CONKEY, M. 1990. Experimenting with style and archaeology: some historical and theoretical issues. In: CONKEY, M. e HASTORF, C. (eds.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 5-17.
- EVANS, C; MEGGERS, B. J., 1960. Archeological investigations in British Guiana. Washington DC, U.S. Govt. Print. Off., 1960. 418 p. (Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin, 177).
- GALLOIS, D.; SZTUTMAN, R.; BARBOSA, G.; PATEO, R. D.; GRUPIONI, D. F. (Orgs.), 2005. *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 328p.
- GOMES, D. M.C., 2001. Santarém: Symbolism and power in tropical forest. In: McEWAN, C., BARRETO, C. e NEVES, E. (eds.) *Unknown Amazon, Culture in Nature in Ancient Brazil*. Londres, The British Museum Press, pp.134-155.
- GOMES, D. M. C., 2002. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção Tapajônica MAE-USP*. São Paulo, EDUSP/ FAPESP/ Imprensa Oficial.
- GOMES, D. M.C., 2007. The diversity of social forms in pre-Colonial Amazonia. *Revista de Arqueologia Americana* 25:189-225.
- GRUPIONI, D. F., 2006. "Tempo e espaço no sistema de relações tarêno". In: GALLOIS, D. (org.), *Sociedades indígenas e suas fronteiras na região Sudeste das Guianas*. São Paulo, Humanitas/Fapesp/NHII-USP, Série Redes Ameríndias, v.2.
- GUAPINDAIA, V. L. C., 2004. Os Tapajó: Arqueologia e História. *História e-História*, pp. 15-16.
- GUAPINDAIA, V. L. C., 2008. *Além da margem do rio: as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- GUAPINDAIA, V.; LOPES, D., 2011. Estudos Arqueológicos na Região de Porto Trombetas, PA. *Revista de Arqueologia* v. 24, p. 50-73.

- HILBERT, P.P., 1955. A cerâmica arqueológica de Oriximiná. Vol.9, Belém, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará.
- HILBERT, P.P., 1982. Pottery from the Cuminá River, Brazil and its affiliations with the Koriabo phase, Guyana. *Journal of the Walter Roth Museum of Archaeology and Anthropology*, vol.5, no. 2, pp.75-81.
- LIMA, H. P.; FERNANDES, G., 2016 (*no prelo*). Cerâmicas arqueológicas da foz do Xingu: uma primeira caracterização. In: C. BARRETO, H. P. LIMA, C. JAIMES BETANCOURT. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi / IPHAN, pp. 210-223.
- MARTINS, C., 2012. Sobre contatos e fronteiras: Um enfoque arqueológico. *Amazônica*, 4 (1):150-184.
- MULLER, L.; KIPNIS, R.; MATTOS, M. C., CALDARELLI, S. 2016 (*no prelo*). Considerações iniciais sobre a cerâmica arqueológica da Volta Grande do Xingu. In: C. BARRETO, H. P. LIMA, C. JAIMES BETANCOURT. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi / IPHAN, pp. 196-209.
- NEVES, E. G., 2008. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-Term History, and Political Change in the Amazonian Floodplain. In: SILVERMAN, H.; ISBELL, W. *Handbook of South American Archaeology*. Londres, Springer, pp. 359-379.
- NEVES, E. G. GUAPINDAIA, V. L.; LIMA, H. P.; COSTA, B. L. S.; GOMES, J., 2014. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calho do Amazonas. In: ROSTAIN, S. (org.). *Amazonia: Memorias de las conferencias magistrales del 3er Encuentro Internacional de arqueología Amazonica*, Quito, p. 137-156.
- NIMUENDAJÚ, C. U., 2004. *In pursuit of past Amazon. Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon region*. Goteborg, Etnologiska Studier 45.
- OLIVEIRA, E.; SILVEIRA, M. I. 2016 (*no prelo*). A cerâmica Mina no estado do Pará: oleiras das águas salobras da Amazônia. In: BARRETO, C.; LIMA, H.P.; JAIMES BETANCOURT, C.(eds.) *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi / IPHAN, pp. 125-146.
- PANACHUCK, L., 2016 (*no prelo*). Cerâmicas Pocó e Konduri no Baixo Amazonas. In: BARRETO, C.; LIMA, H.P.; JAIMES BETANCOURT, C.(eds.) *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi / IPHAN, pp.279-287.
- PEREIRA, E., 1992. Análise Preliminar das Pinturas Rupestres de Monte Alegre (PA). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 8, n.1, p. 5-24.
- PEREIRA, E., 2010. Arte rupestre e cultura material na Amazônia Brasileira. In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (orgs.) *Arqueologia Amazônica*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 261-283.
- PEREIRA, E., 2012. *A Arte Rupestre de Monte Alegre, Pará, Amazônia, Brasil*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 212p.
- REIS, A.C.F., 1942. *Monte Alegre: aspectos de sua formação*. Belém (s.ed.).
- RENFREW, C., 1986. Introduction: Peer-Polity Interaction and Socio-Political Change. In: RENFREW, C.; CHERRY, J.F. (Org.). *Peer Polity Interaction and Socio-Political Change*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1-18.

- ROOSEVELT, A.C., 1992. Arqueologia Amazônica. In: CUNHA, M. C. (org) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, FAPESP, pp.53-86.
- ROOSEVELT, A.; HOUSLEY, R. A.; IMAZIO DA SILVEIRA, M.; MARANCA, S.; JOHNSON, R., 1991. Eighth Millennium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon. *Science*, 254:1621-1624.
- ROOSEVELT, A. C.; COSTA, M. L. ; MACHADO, C.L.; MERCIER, N. ; VALLADAS, H. ; FEATHERS, J. ; BARNETT, W. ; SILVEIRA, M. I.; HENDERSON, A.; SILVA, J. ; REESE, D. S. ; HOLMAN, J. A. ; TOTH, N. ; SCHICK, K., 1996. Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon. The peopling of the Americas. *Science*, v. 271, p. 373-384.
- ROSTAIN, S., 1994. L'occupation amérindienne du littoral de Guyane. Tese de Doutorado, Paris, ORSTOM, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne.
- ROSTAIN, S., 2016 (no prelo). La cerâmica de las Guyanas. In: BARRETO, C.; LIMA, H.P.; JAIMES BETANCOURT, C.(eds.) *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi / IPHAN, pp.55-70.
- SALDANHA, J. D.; CABRAL, M.; SILVA, A. ; LIMA, J.; FLORES DA SILVA, M. , 2016 (no prelo). Os complexos cerâmicos do Amapá: proposta de uma nova sistematização. In: BARRETO, C.; LIMA, H.P.; JAIMES BETANCOURT, C.(eds.) *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi / IPHAN, pp.86-96.
- SALLES, V. 1971. *O negro no Pará sob o regime da escravidão*. Belém, Fundação Getúlio Vargas/UFPA.
- SCHAAN, D., 2012. Ponds, Lakes & Feasts: The Cultural Geography of Anthropogenic Soils. In: SCHAAAN, D.P. (org.). *Sacred Geographies of Ancient Amazonia: Historical Ecology of Social Complexity*. Walnut Creek, Left Coast Press, pp.105-140.
- SCHAAN, D., 2016. Discussing centre-periphery relations within the Tapajó domain, lower Amazon. In: STENBORG, P. *Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland*, Goteborg, GOTARC (Gothenburg Archaeological Studies), Series A , pp.23-36.
- SHLANGER, S. H., 1992. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. In: ROSSIGNOL, J. & WANDSNIDER, L. (eds.), *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. New York, Plenum Press, pp 91–112.
- SILVA, R. O. (coord.), 2009. *Plano de Manejo do Parque Estadual de Monte Alegre*. Documento não publicado. Secretaria do meio Ambiente do Estado do Pará, Belém, SEMA- PA/MMA.
- STAMPANONI, F.; 2016. *A maloca Saracá. Uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa*. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- STENBORG, P.; SCHAAAN, D.; AMARAL-LIMA, M., 2012. Precolumbian land use and settlement pattern in the Amazon region, lower Amazon. *Amazônica* 4(1):222-250.
- THOMPSON, V. D., 2010. The rhythms of space-time and the making of monuments and places during the Archaic. In: THOMAS, D.; SANGER, M. (eds) *Trend, Tradition, and Turmoil: What Happened to the Southeastern Archaic?* New York, American Museum of Natural History, pp 217–228.

- VAN DEN BEL, M., 2010. A Koriabo site on the Lower Maroni River: results of the preventive archaeological excavation at Crique Sparouine, French Guiana. In: PEREIRA, E; GUAPINDAIA, V. (eds.) *Arqueologia Amazônica 1*. Belém, MPEG; IPHAN; SECULT, pp.61-94.
- VAN DEN BEL, M., 2015. Rituais funerários e deposição cerâmica nos sítios AM 41 e La Pointe de Balaté: repensando o período cerâmico tardio na planície costeira oeste da Guiana Francesa. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, 10(1):11-45.
- VIDAL, L., 1999. O Modelo e a Marca, ou o Estilo dos “Misturados”. Cosmologia, História e Estética entre os povos indígenas do Uaçá. *Revista de Antropologia*, v. 42(1-2):.29-45.